



**INSTITUTO FEDERAL**

Sertão Pernambucano

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO**

**PERNAMBUCANO**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPIP)**

**CAMPUS SALGUEIRO**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM METODOLOGIAS DO ENSINO DE**

**LÍNGUAS**

**Francineide de Souza Silva**

**ENSINO DE PORTUGUÊS PARA OS ESTUDANTES SURDOS DO ENSINO**

**BÁSICO**

**SALGUEIRO**

**2023**

**FRANCINEIDE DE SOUZA SILVA**

**Ensino de Português para os estudantes surdos do ensino básico**

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Metodologias do Ensino de Línguas, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Metodologias do Ensino de Línguas.

Orientadora: Me. Maria Patrícia Lourenço Barros

SALGUEIRO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S586 Silva, Francineide de Souza.

Ensino de Português para os estudantes surdos do ensino básico / Francineide de Souza Silva. - Salgueiro, 2023.  
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Metodologias do Ensino de Línguas) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2023.

Orientação: Prof<sup>º</sup>. Msc. Maria Patrícia Lourenço Barros.

1. Prática de ensino. 2. Ensino de Português. 3. Língua. 4. Surdo. I. Título.

CDD 370.7

---



**INSTITUTO FEDERAL DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO**

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008

**PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU EM  
METODOLOGIAS DO ENSINO DE LÍNGUAS**

---

A monografia “**Ensino de Português para os estudantes surdos do ensino básico**”, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pela EMEL/IFSertãoPE, como requisito parcial necessário à obtenção do título de Especialista em Metodologias do Ensino de Línguas, outorgado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IFSertãoPE.

Aprovado em 27 de julho de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Maria Patrícia Lourenço Barros – IF-Sertão PE  
(Presidente)

---

Prof. Me. Roger Lineira Prestes – UFCA  
(1º Examinador)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Jardiene Leandro Ferreira– IF-Sertão PE  
(2ª Examinadora)

---

Prof. Me. Maria do Socorro Araújo de Freitas– IF-Sertão PE  
(3ª Examinadora)

Dedicatória – Dedico esta monografia à comunidade surda. A primeira minha língua é Libras quando eu aceito ser surda e militante, é tão importante as experiências de vida de sujeitos surdos me mostram tanto.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por sempre me mostrar o caminho certo durante todos os meus anos de estudos.

A todos os professores dessa instituição de ensino da Pós Graduação Lato Sensu em Metodologias do Ensino de Línguas, não só pela força nos momentos difíceis, mas, pelo aprendizado e preocupação.

A minha orientadora Patrícia Lourenco por sempre me motivar, as vezes eu pensei em desistir, mas ela me orientou que não pode desistir fácil, me fazer pensar e questionar sobre o tema, a importância para o meu trabalho de pesquisa. Sei que é muito importante o movimento da comunidade surda, lutar para a valorização da língua de sinais que é rica.

Por fim agradeço a banca examinadora que dedicou seu tempo em contribuir com o trabalho e suas observações.

A minha família por todo apoio e compreensão.

*[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008).*

## RESUMO

Este trabalho versa sobre as metodologias de ensino de Português para os estudantes surdos do ensino básico. Muitas discussões sobre a Língua de sinais e Português vem sendo realizadas por vários autores, como Quadros (2000 e 2006), Giordani (2010), Lacerda e Santos (2013) e outros. Por meio de pesquisas bibliográficas, percebi que alguns autores estão buscando aprofundar o tema. Porém, não é possível ainda se ver nas universidades e nas escolas uma política voltada para o ensino de português como segunda língua para os surdos. A obrigatoriedade das duas línguas existe, mas não consegue atender a real necessidade de ambos os usuários. Utilizando da pesquisa qualitativa através da análise dos dados pesquisados, é uma pesquisa do tipo bibliográfica e descritiva, buscando trazer a relação existente entre o docente e o estudante surdo no contexto do ensino de português. Este trabalho teve como objetivo a análise de pesquisas realizadas voltadas para o ensino de português como segunda língua. Foi possível observar através das coletas de dados as dificuldades de um aluno surdo para ler e escrever na língua portuguesa. Na educação inclusiva o professor precisa usar metodologias em sala de aula onde o papel desse professor perceba que o surdo é usuário de outra língua, a Libras, e foque no sujeito surdo para acontecer o ensino de português como L2. O português nunca vai substituir a língua natural dos surdos, pois esta é a língua da comunidade surda e o contato entre surdos melhora a compreensão de mundo, de língua, cultura e identidade. Portanto é fundamental que se tenha políticas linguísticas para o ensino de português para os surdos, já que estes têm que se utilizar da língua escrita para ter acesso a diversos documentos, materiais e informações.

**Palavras-Chave:** Ensino de Português. Língua. Surdo.

## **ABSTRACT**

This work deals with the teaching methodologies of Portuguese for deaf students in basic education. Many discussions about Sign Language and Portuguese have been carried out by several authors, such as Quadros (2000 and 2006), Giordani (2010), Lacerda and Santos and others. Through bibliographic research, I realized that some authors are seeking to deepen the theme. However, it is not yet possible to see a policy aimed at teaching Portuguese as a second language for the deaf in universities and schools. The requirement for both languages exists, but it fails to meet the real needs of both users. Using qualitative research through the analysis of researched data, it is a bibliographic and descriptive research, seeking to bring the relationship between the teacher and the deaf student in the context of teaching Portuguese. The objective of this work was to analyze research carried out on the teaching of Portuguese as a second language. It was possible to observe through data collection the difficulties of a deaf student to read and write in Portuguese. In inclusive education, the teacher needs to use methodologies in the classroom where the teacher's role is to realize that the deaf person is a user of another language, Libras, and focus on the deaf subject to teach Portuguese as L2. Portuguese will never replace the natural language of the deaf, as this is the language of the deaf community and contact between deaf people improves understanding of the world, language, culture and identity. Therefore, it is essential to have linguistic policies for teaching Portuguese to the deaf, since they have to use the written language to have access to various documents, materials and information.

**Keyword:** Teaching Portuguese. Language. Deaf.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE– Atendimento Educacional Especializado

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF-Sertão PE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão  
Pernambucano

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

Libras – Língua Brasileira de Sinais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>144</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>19</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>200</b>
<b>4.1 Contextos histórico dos métodos usados na educação dos surdos.....</b>	<b>20</b>
<b>4.2 Metodologias no ensino de Português: um desafio na educação do surdo.....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As escolas brasileiras matriculam os surdos no ensino inclusivo, esse método tem colocado em questão a aprendizagem dos surdos em relação a sua língua a Libras e a língua portuguesa como segunda língua (L2). É notório que alguns docentes buscam estratégias e adaptações para o ensino com estudantes surdos em relação ao português escrito, mas percebe-se também que mesmo assim muitos surdos tem dificuldades em aprender o português como segunda língua.

Esse tema “Ensino de Português para os estudantes surdos do ensino básico” nasce da percepção natural, por ser pessoa surda, pois o português é muito diferente da Libras, existe uma dificuldade de comunicação principalmente por as modalidades serem diferentes, a Libras usa aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos com uma estrutura visual e o português escrito tem a sua estrutura oral, fonética.

Para que possamos compreender melhor veja o exemplo, em Libras o sinal da palavra “PORQUE”, em português, esta palavra se emprega nas frases com sentidos diferentes grafias diferentes e dando compreensões diferentes ao leitor. Na Libras só existe um sinal e este não muda, para que seja compreendido na Libras o emprego do sinal usa-se as expressões faciais, se é uma pergunta, se é uma resposta ou se é para justificar algo em forma de explicação. Na Libras não existe como na língua portuguesa escrita os diferentes registros como em português tem quatro tipos: PORQUE, POR QUE, POR QUÊ E PORQUÊ, nunca substitui na Libras com outro sinal é o mesmo com o uso das expressões faciais.

Essa pesquisa surge após iniciar os estudos por meio de um curso de língua portuguesa como segunda língua para surdos, tive uma compreensão melhor e entendi muitas dificuldades sobre o ensino e aprendizagem do surdo em relação ao português escrito e em relação a aprendizagem da leitura e da escrita, para aprender a língua portuguesa como segunda língua. Então decidir ver o que estão trazendo as pesquisas com trabalhos já realizados na temática escolhida.

A escolha também está imbricada com a minha pessoa enquanto estudante, pessoa surda e pedagoga. Formada e com experiência na atuação do ensino de Libras busco conhecer mais sobre as pesquisas, analisar e fazer as relações de dialógicas e de poder que muitas pessoas tem de influência na escrita enquanto a pesquisa é realizada por surdo e por ouvintes, as percepções e experiências que se tem na comunidade surda.

Quero aqui também focar na Libras como língua, para aquisição de conhecimento em leitura e escrita e que esta ajuda a melhorar os recursos, as imagens e facilita a compreensão. Nem uma língua é inferior ou melhor, ambas devem ser ensinadas nos espaços educacionais como forma de autonomia aos usuários e assim percebemos a importância do surdo saber a Libras e também aprender o português escrito.

A lei federal nº 10.436/2002 reconhece a língua brasileira de sinais como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas. É considerada também língua de aquisição enquanto a língua portuguesa é a segunda língua na qual se registra as leis, documentos e por isso a importância de o surdo também aprender esta língua de aprendizagem sistemática conceituada como segunda língua para aqueles que têm como primeira língua a Libras.

A importância de metodologias específicas para o ensino de português como segunda língua na educação dos surdos, bem como do respeito ao uso da Libras deve fazer parte do processo de ensino aprendizagem. A língua portuguesa é uma das grandes preocupações da comunidade surda, visto que a política de educação de surdos no Brasil e especificamente no Sertão de Pernambuco enfatiza seu ensino como uma segunda língua em sua modalidade escrita, porém essa metodologia ainda não está presente nas salas de aulas, e isso se torna um fator de desvantagem para os surdos em diversos contextos da sua vida, como ENEM, avaliações externas e concursos públicos.

É preciso mudar, ter metodologia dentro sala de aula para o aluno surdo aprender a língua portuguesa como uma segunda língua, e é direito assegurado através do decreto nº 5.626/2005, não é só das escolas da educação básica, mas também deveres das instituições de ensino superior, se organizarem e ofertarem. Também se faz necessário que as instituições para apoiar a comunidade ofertem formações para a difusão da Libras e de português como segunda língua.

A grande problemática do aluno surdo e sua maior angústia é por causa que dentro da sala de aula quando este tem que fazer redação, pois as metodologias de ensino usadas sempre estão voltadas para um ensino de português como primeira língua, uma vez que maioria dos estudantes são ouvintes. O professor de português deve ser realizar um ensino onde a metodologia com aluno surdo seja específica para um usuário de outra língua, nesse caso a Libras, assim pode-se criar projetos, cursos de língua portuguesa como segunda língua para surdos ou outras formas que

valorizem a língua materna e reconheça o surdo como um sujeito usuário de uma língua com estrutura visual. Os docentes precisam conhecer a Libras para se comunicar com facilidade com estudantes surdos. Infelizmente a maioria acha que não tem de valorizar a Libras, por isso a comunidade surda sempre sofre com os momentos dos registros escritos e mostra para ouvintes o desprezo para a escrita do português. Neste trabalho buscou investigar pesquisas bibliográficas já existente sobre o ensino de português como segunda língua. Observar as metodologias que os contextos históricos trazem no ensino de português para surdos. Analisar as pesquisas encontradas com a realidade identitária, histórica e contextual do surdo no percurso acadêmico.

O objetivo geral desse trabalho está voltado em trazer para debate pesquisas sobre a importância do uso e do ensino da língua portuguesa como L2 para estudantes surdos, é necessário e urgente que as escolas percebam o surdo como um sujeito cultural e que é pelas suas experiências visuais que ele aprende e se insere no mundo. Buscando as pesquisas já realizadas por alguns autores que vem dedicando tempo com pesquisas voltadas para o ensino de português como segunda língua.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino de português como segunda língua se torna desafiador para os docentes que estão na educação e não tiveram formação específica para a educação dos surdos, nem de forma mais ampla de entender o sujeito surdo como ser cultural, nem na específica se tratando do ensino de português como segunda língua e de formações que tragam esse debate para os docentes de português. Giordani (2010, p. 73) nos diz que:

O projeto educacional para surdos, na área da educação especial, ignorou por anos a viabilidade de qualquer interlocução entre atores pedagógicos. A imposição de uma normativa oral, como a única possível, conforme mostra a história da escolarização de crianças surdas, desconsiderou a língua da comunidade surda em prol de uma artificialidade da tão desejada normalização.

Conforme a autora é perceptível que os espaços ainda ficam voltados para uma imposição da fala o que vai contribuindo para a construção de uma imagem negativa do surdo no sentido de “normalização” como se faltasse algo na sua condição humana, mas, na verdade ele apenas utiliza uma comunicação diferente para aprender e interagir no mundo.

A autora Giordani (2010), pesquisou o tema da Língua Escrita na Educação de Surdos e como fazer estratégias escolares de ensino da língua escrita, pois tem observado como ela se desenvolve para o sujeito surdo. O estudo apresenta a língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2, mostrando sua importância dentro da sala de aula de um aluno que deseja ou não aprender as duas línguas, sendo responsabilidade do professor se atentar as suas especificidades educacionais.

Os autores Dorziat e Romário (2016) trazem na sua pesquisa que, faz-se necessário ressaltar a importância de que nas aulas haja uma metodologia baseada na pedagogia visual, com variedades de recursos visuais e atrativos, que à presença do intérprete, contribuirá não apenas para o aprendizado do surdo (DORZIAT, ROMÁRIO, 2016). A inobservância destas necessidades pelo professor ou quando não é considerada em seu planejamento, pode trazer consequência para o aluno surdo, tanto o retardo em seu desenvolvimento linguístico, quanto a continuidade da presença de estereótipos, tais como: “o surdo é preguiçoso”, “não aprende”, “não sabe escrever”, entre outros.

O sujeito ouvinte não conhece a língua natural do estudante surdo, esse estudante não é 'preguiçoso' é uma questão política dentro do sistema de ensino que ainda não atende essa demanda e prejudica a sua aprendizagem, por falta de metodologia. Chama a atenção do aluno surdo como se ele não gostasse de aprender e como se ele fosse culpado pela falta de políticas linguísticas na educação que atenda a diversidade linguística. Muitos docentes não escutam o que ele tem a dizer, ignora acha que o surdo não sabe opinar, fazer perguntas e interagir com os colegas e docentes, falta de empatia e respeito linguístico.

Os autores Rangel e Stumpf (2010, p.85) destacam que: "O professor ouvinte faz tudo para o surdo, mas desvaloriza suas contribuições. Quando as explicações, feitas em uma língua incompreensível, não surtem efeito, o surdo é rotulado como preguiçoso, como alguém que não se esforça para aprender". Infelizmente os professores esquecem que eles mesmos reclamam de não ter formação específica para ensinar aos surdos e principalmente os do ensino de línguas. Essa questão não é só responsabilidade do surdo, é uma questão de todos da educação, isso acontece também nos estados com imigrantes que passam a frequentar as escolas brasileiras sem uma política de ensino para receber este público com cultura e língua diferentes.

A maioria dos professores sentem que não estão preparados pedagogicamente para receber o aluno surdo e menos ainda de promover um ambiente inclusivo. Não conhecer sobre as pessoas com deficiências, faz com que crie imagem do surdo como incapaz, o aluno seja excluído, privando-os de atividades e de conhecimentos fundamentais para sua formação, muitos ainda pensam que o não emitir sons está atrelado a sua condição cognitiva e que este por não falar, não pode aprender.

Por isso devem ser oferecidos cursos de formação, é essencial para preparar os profissionais e professores, mas somente a formação não é suficiente, pois não oferece base satisfatória em tão pouco tempo para que o professor aprenda uma língua, conheça a cultura surda e as pessoas com deficiências de um público que na maioria das vezes é novo para eles. Com isso, o professor do ensino regular torna-se dependente do Intérprete educacional para sua comunicação com o surdo. Sobre este profissional, Damázio o define como:

A pessoa que, sendo fluente em Língua Brasileira de Sinais e em Língua Portuguesa, tem a capacidade de verter em tempo real interpretação (Simultânea) ou, com um pequeno espaço de tempo (interpretação

consecutiva), da Libras para o Português ou deste para a Libras. [...]. (DAMÁZIO, 2007, p. 49).

A função do intérprete é traduzir e mediar o que está sendo dito em aula e não o de ministrar conteúdo. Contudo, muitas vezes os estudantes chegam a confundir o papel desse profissional com o de um professor, até mesmo os professores podem não ter noções claras sobre o papel do intérprete. Para Martins,

A escola não pode ficar presa a um modelo fechado, limitado apenas à tradução ou interpretação, mas sim estar aberta para as mais variadas formas de mediação simbólica ao universo surdo, onde eles possam ter oportunidades de uma construção conjunta de significações e de atribuição de sentidos àquilo que está à sua volta e aos conhecimentos que circulam nos espaços de interlocução. (MARTINS, 2010, p. 11).

Sendo assim, a escola precisa estar aberta e também os professores, atuando em parceria com o intérprete de Libras, cada qual respeitando e entendendo o papel profissional de cada um. É importante também que o professor dialogue com o intérprete questões como: Velocidade de fala, informações novas, enfim, diversas situações que influenciam diretamente no repasse de informações para o estudante com surdo.

Nessa perspectiva, Lacerda e Poletti (2009, p.175 apud LACERDA E SANTOS, 2013, p.196) acreditam que:

A presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete.

Porém, o que tem acontecido frequentemente, é que o professor tem feito seu planejamento e não repassa com antecedência para o intérprete, interferindo diretamente na qualidade da interpretação e no conteúdo que chega ao aluno. Fiz essa observação, pois como estamos falando de uma educação inclusiva é preciso também trazer esse profissional para o debate, não saindo do foco da pesquisa, mas como elemento que também faz parte da educação dos surdos e é preciso também se pensar sobre a atuação no ensino do português com a presença desses profissionais, que é o que já acontece. Mas como acontece o ensino de português com a presença de intérpretes? Será que os docentes de língua portuguesa sentam

e dialogam com estes profissionais? Alguns além de nem dialogar ainda transfere ao tradutor a responsabilidade de ensinar e pelo aprendizado do estudante surdo.

A autora Quadros apresenta:

A educação de surdos não pode mais continuar refém da falta de conhecimento dos profissionais que estão envolvidos na educação de surdos. Temos muito a fazer no processo de alfabetização e no ensino da língua de sinais para garantir a aquisição da leitura e escrita das crianças surdas (QUADROS, 2000, p. 60).

Tornando assim, imprescindível, que os professores e os demais envolvidos na educação de surdos se comprometam na busca de conhecimentos e na criação de metodologias visuais capazes de oferecer uma riqueza de aprendizados para o surdo, tornando possível, o desenvolvimento linguístico. É importante haver um aprofundamento, pelos profissionais na educação de surdos, evitando assim, que o estudante surdo se torne dependente dos ouvintes, respeitando a cultura surda e a aquisição da língua de sinais, de forma natural, sendo capaz de desenvolver a leitura, escrita e visualidade.

Contudo, para Fernandes (2006, p.69), a maioria dos encaminhamentos metodológicos na educação de surdos é elaborada a partir de recursos e estratégias para a alfabetização de ouvintes. Resultando em prejuízos para os surdos. Para SANTOS; SOUZA; ENES (2016, p.9) é ideal que nas aulas com estudantes surdos hajam:

Atividades relacionadas ao cotidiano da comunidade surda ou que aproximem essa realidade com as práticas da sala de aula possibilita incluir no processo de ensino não apenas as crianças surdas, mas também possibilita às crianças ouvintes conhecer a cultura, hábitos e práticas dos surdos.

Dessa forma, a valorização da cultura surda dentro do espaço escolar, especialmente na sala de aula, possibilita a todos os estudantes não apenas o contato, mas ainda, uma visão ampla das diversas realidades existentes na sociedade que culmina na efetivação do ensino de línguas, e para o surdo a Libras então é essa referenciação de fortalecimento.

Os estudantes surdos tem direito de frequentar as escolas regulares e também o AEE (Atendimento Educacional Especializado) e ensino de Libras com metodologias específicas do ensino de português como L2. Justino (2021, p. 17) coloca que:

O professor do AEE e o professor de língua portuguesa, através de aulas dinâmicas e expositivas, no qual são utilizados vários recursos pedagógicos, como imagens, cartazes, jogos, revistas e computador, tão logo, promovendo o desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e escolar do aluno surdo, beneficiando-o de forma geral e contínua, tendo em vista que é um processo infinito, sempre é possível aprender mais.

Os estudantes surdos tem o direito de frequentar as escolas regulares e também ao AEE (Atendimento Educacional Especializado) que deveria acontecer em três momentos: Ensino de Libras; Ensino em Libras e Ensino de Português como L2 em horário diferente da sala de aula, no contraturno das aulas regulares, não que estes profissionais não tenham condições de realizar esse ensino, mas ficam lacunas quando o professor de AEE não é formado na área que habilita ensinar o português, sendo assim muitas lacunas ainda se encontram no processo da educação dos surdos, o ideal é que professores de português pudessem destinar dentro da sua carga horária o ensino de português como segunda língua para os surdos inclusos, isso na realidade que vivemos atualmente.

Portanto, a educação inclusiva pensada para o surdo ainda tem muitos entraves, o ideal seria as escolas ou classes bilíngues com metodologias próprias e docentes ministrando as aulas em Libras, docentes bilíngues. Mas como ainda é nova a discussão e adesão do estado, não podemos negligenciar os surdos dentro das escolas e fingir que eles não estão presentes, é preciso urgente se buscar e se efetivar ações dentro das escolas principalmente para o ensino de português como segunda língua para os surdos.

### 3 METODOLOGIA

O presente Trabalho de conclusão de Curso teve como fonte de pesquisa diversos materiais, preferencialmente, livros e artigos de autores que tem contribuído significativamente na educação de surdos. A consulta desses materiais se deu, tanto de forma física/impressa quanto de forma virtual, ou seja, a obtenção também aconteceu através de pesquisas em sites, periódicos, entre outros. É uma pesquisa qualitativa através da análise dos dados pesquisados, é uma pesquisa do tipo bibliográfica e descritiva, buscando trazer a relação existente entre o docente e o estudante surdo no contexto do ensino de português.

Os principais autores que contribuíram nesta pesquisa foram: Quadros (2000), Lacerda e Santos (2013), Damázio (2007) e Fernandes (2006).

Para melhor execução da pesquisa, este trabalho de curso foi dividido em três etapas. A primeira foi a parte do levantamento bibliográfico, de realizar a pesquisa do referencial teórico em livros e repositórios, a fim entender melhor o que já se tinha de pesquisa e a problemática que envolve o ensino de português para surdos. A segunda foi a leitura da bibliografia selecionada para melhor aprofundamento da fundamentação teórica, e assim, ter um universo maior de informações, contribuindo na análise de como ocorre o processo de ensino aprendizagem do português nas escolas com estudantes com surdez. A terceira etapa consistiu na análise das informações obtidas através da pesquisa realizada, na qual se observou a dificuldade de materiais com metodologias para o ensino de português como segunda língua para surdos e ter uma visão da realidade vivida pelos estudantes surdos e do que se anseia nestas pesquisas. Em relação ao ensino destes sujeitos e confrontando com a vivência da própria pesquisadora durante sua vida acadêmica na educação básica e usuária do português como segunda língua.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados da pesquisa foi organizada em forma de diálogo e comparação entre o que alguns autores falam e o que enquanto pessoa surda vivenciei na aprendizagem do português como segunda língua. Os critérios utilizados foi a de elencar dados acerca da temática através do que já se tem registrado nas pesquisas sobre o ensino de português como segunda língua, uma análise baseada em autores que já iniciaram a discussão sobre o tema e assim poder diante das experiências que passei fazer um confronto teórico.

### 4.1 Contextos histórico dos métodos usados na educação dos surdos

A educação dos surdos no Brasil foi marcada por três métodos: método oral, método da comunicação total e o bilinguismo. Historicamente poderíamos até dizer que muitos prejuízos vieram com as rotulações e imposições construídas com base numa imagem de um surdo que por não falar (oral) não teria a capacidade de aprender, de opinar na sociedade e até mesmo de compreender. Os estereótipos que ainda se notam na sociedade não contribuem para uma inclusão social e muito menos de ver o sujeito surdo como cidadão de direitos.

As informações históricas mais importantes dos métodos usados na educação dos surdos falam um pouco sobre o Congresso de Milão de 1880, uma marca histórica que utiliza o método oral puro para ensinar aos surdos, impondo-os a falar e que estes deveriam aprender a língua oral. Através da votação do qual método seria usado na educação dos surdos no Congresso de Milão, os participantes votantes todos ouvintes votaram pelo método oral e não aceitou a língua de sinais, proibindo o uso da língua nas instituições de ensino dos países que estavam presente no congresso. Essa decisão teve um impacto na história da educação do surdo e também no Brasil. Conforme Rocha (2008, p. 46):

Para o Dr. Tobias Leite diretor do INES em 1882 ... “em consonância com a deliberação de Milão era fundamental o ensino da linguagem articulada... Seu parecer encerrava defendendo que a educação de surdos deveria ser limitada a ensino primário, basicamente agrícola” [...].

Muitos surdos não desenvolveram a língua, porque se considerava-se que os surdos não tinham pensamento, é importante lembrar foram obrigadas as crianças surdas a usar a língua oral. O Congresso de Milão foi um retrocesso e teve um impacto muito negativo para a comunidade surda, já que a língua de sinais foi proibida e o ensino oral imposto.

A decisão do congresso Milão fez com que a comunidade surda sofresse por todo período de silêncio, de exclusão linguística e comunicacional, tudo pode ser lembrado por meio dos estudos da história da educação dos surdos. Durante muito tempo não se mostrava a importância dessa língua para a comunidade surda, porque a maioria pensa que é só mostrar sobre a história, mas é importante saber sobre os acontecimentos históricos e seus impactos.

A autora Soares (2005) em seu livro sobre a educação de surdos traz um pouco detalhado de como era o trabalho realizado no INES com o método oral e destaca algo importante que através de sua pesquisa conseguiu perceber: “É importante ressaltar que todo esse conteúdo visava apenas ao ensino da fala... Não há, nesse livro, qualquer referência ao ensino das disciplinas escolares no que diz respeito ao currículo previsto no ensino primário” (SOARES,2005, p.76 e 77).

Concretiza então o que se denomina de apagamento da língua de sinais, período obscuro onde os surdos foram amordaçados em detrimento da oralização. Assim com o método oral se criava a falsa esperança de “que os surdos seriam normalizados, escolarizados e tornar-se-iam cidadãos iguais aos outros” (SOARES, 2005, p.81). Como surda usuária da língua de sinais é constrangedor ver as pessoas ouvintes tentando gritar ou tentando nos normalizar. Muitas vezes a sociedade esquece que tem muitas pessoas que falam, mas que tem dificuldades de se expressar, gente sem respeito e empatia a outras pessoas, e elas não são surdas, são ouvintes.

O método de comunicação total foi criado nos Estados Unidos no ano de 1960 e chegou ao Brasil no ano de 1980, é a utilização simultânea de diversos recursos para a comunicação com os surdos, tem uso da sinalização e uso de algumas palavras para na língua oral.

Na época não se utilizava a Libras, na verdade não era muito língua de sinais, profissionais usavam somente gestos, parecia mímica e uso de imagens. O professor ensinava o aluno surdo por meio de gestos, mas tem falha, sem comunicação com o surdo, continua prejudicada mesmo o professor tentando sinalizar. Passando o tempo

o professor percebe a falta de motivação visual (imaginário), pois é tão importante o sujeito surdo entende melhor. Os professores faziam a comunicação total ensinando e o surdo não entende, se mudasse a metodologia mostrando mais visual isso poderia ter outros resultados.

O Método bilíngue surge na educação de surdos com o ingresso dos surdos nas escolas regulares, lá eles teriam acesso ao português escrito como segunda língua e a Libras como primeira língua. O espaço escolar passa a ter duas línguas, mas será que realmente é escola bilíngue? O bilinguismo consiste na utilização de duas línguas, para os surdos é a língua de sinais e a língua portuguesa escrita, como primeira língua e segunda língua dos surdos. Houve nesse contexto um falso entendimento na educação dos surdos, se as escolas recebessem estudantes surdos, eram consideradas bilíngues. Hoje os surdos defendem escolas bilíngues, mas com um ideal diferente do que iniciou lá atrás, não é ter surdo na escola regular, é ter escolas onde todos professores saibam Libras com fluência e ensinaram conteúdos utilizem a Libras. Para o surdo o bilinguismo é ter fluência nas duas línguas, o surdo se comunicar na sua língua materna, a língua de sinais, assim terá o desenvolvimento linguístico e cognitivo. Pesquisadores ouvintes e surdos já mostraram resultados se a criança surda estuda em contato direto na sua língua, Libras, pode facilitar e desenvolver a aprendizagem.

Concluo então esse capítulo enfatizando que já muito tempo ouvintes explicaram como deveria ser educação dos surdos, agora é necessário ouvir a comunidade surda, que é direito a língua de sinais na educação dos surdos, pois não como deficientes, mas mostrar sua cultura e que esta seja respeitada e a comunidade surda. Minha pesquisa não é valorizar a inclusão do surdo no ensino regular, mas quero mostrar que se é essa forma de ensino no estado de Pernambuco e outras regiões do Brasil, precisa ter preocupação e também ouvir no planejamento os surdos pesquisadores que atuam na educação.

#### **4.2 Metodologias no ensino de Português: um desafio na educação do surdo**

É importante começar este capítulo lembrando que é um desafio para todos os envolvidos, tanto surdo sofre, como professor. Não há aqui espaço para culpar os sujeitos, se existe culpa é da falta de políticas públicas e pessoas que estão à frente

de organizações e não fazem garantir o direito linguístico, não só dos surdos, mas de todos os povos usuários de outras línguas no Brasil.

O ensino de português para surdos deve ser com metodologias para segunda língua. Em algumas escolas brasileiras que tem estudantes surdos e os profissionais com domínio da Libras, se faz presentes nas aulas o português e a Libras, seja na educação básica, ensino médio e superior. Enquanto pessoa surda pensava que era um problema a aprendizagem de português, porque não sabia escrever o nome, família, documento e redação etc.

Tudo na sociedade é registrado em português escrito, os surdos então muitos não gostam de português e ver como ameaça, algo que faz ele inferior. Após iniciar a faculdade, participar de momentos de debate sobre o tema entendi que não existe um problema no cérebro para aprender português como pensava, surdo não aprende português por falta de informação, metodologia específica para o ensino de português como segunda língua. A aprendizagem, avaliação poderá se desenvolver nas aulas de português, desde que se use metodologias adequadas. Quando eu cheguei em Salgueiro principalmente que tive contato com a comunidade surda, foi que descobri minha primeira língua. Então descobrir que a pessoa surda é capaz de escrever em português com base no conhecimento que adquire, e estudos como usuário de segunda língua, igual ouvintes aprendem inglês e outros idiomas, assim melhorei o meu desenvolvimento com os surdos na minha língua natural, a Libras.

A autora Silva, (2008, p.20) que pesquisa sobre esse tema tão importante nos traz que:

A questão do ensino-aprendizagem da língua portuguesa há muito vem sendo tema de estudos, pesquisas, debates e propostas. No entanto, existem ainda lacunas sobre metodologias de ensino-aprendizagem de língua portuguesa que abranjam as perspectivas dos valores surdos.

O que a autora nos traz é uma reflexão pertinente, as lacunas existem no ensino aos surdos, mas também sabemos que aos nativos também falantes do português. Quando cheguei na escola percebi que alguns estudantes também tinham dificuldade em escrever na forma correta, na língua padrão. Se ouvinte escreve redação facilmente por ter acesso a informação de diversas formas, mas não sabem língua de sinais, por exemplo, um vídeo em libras, ouvinte consegue entender? Os surdos aprendem com muito atraso na língua portuguesa, é necessário pesquisas sobre

metodologias para o ensino de português como segunda língua para os surdos, principalmente sobre os estudos surdos e cultural, entender quem é o estudante como um todo.

O aluno surdo possui cultura e experiências diferentes dos ouvintes e conseqüentemente pessoas com deficiências também se diferem. Quando não tem conhecimento do professor ou não é levado em conta no seu planejamento, acabam levando o aluno surdo a diversas conseqüências, entre elas, a evasão escolar.

Um bom professor deve pesquisar com intuito de melhorar sua pratica pedagógica. A educação inclusiva requer muitas responsabilidades, não só em um dia, mas em todos os dias diferentes, é necessário que o de professor faça mudanças metodológicas e adaptações quanto a proposta de ensino, com o intuito de facilitar a participação, o desenvolvimento linguístico e a aprendizagem do estudante surdo.

Giordani (2010, p.73) discute a língua escrita nas pesquisas das línguas para Libras e Português sobre a problemática, o papel da língua portuguesa na estrutura da Libras, um exemplo de uma frase para compararmos nas duas línguas. A língua de sinais tem a configuração de mão, classificador, a estrutura da portuguesa pois tem estrutura gramatical regras, conjugação de verbos e vários. É impossível reproduzir a mesma gramática da língua portuguesa para a libras porque são diferentes. Uma língua de sinais é totalmente visual para melhorar a compreensão pois o português tem uma língua depende de sons.

As autoras Quadros e Schmiedt (2006, p.26) argumentam:

A língua de sinais é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito.

Os cinco parâmetros da Libras são importantes para criança surda desenvolva a sinalização natural. E uma língua materna precisa aprender juntamente com surdos ela terá a Libras como sua língua materna também aprender sobre a cultura surda que é visual.

Pensar ensino de português para surdos é preciso trabalhar com atividades para o ensino da língua, é importante buscar conhecimento sobre como o surdo aprende, sobre sua língua e sua cultura. O professor precisa preparar ensino da língua

portuguesa para surdos, mostrando o material e conversação em libras, por exemplo, pegar um cartão ou imagem em alfabeto manual em libras e depois em português juntar ao cartão ou imagem apresenta em sinal criar uma frase também.

Imagina-se colocar em português só texto não tem imagético falta de clareza e informações todo desenvolvimento de várias atividades. Os recursos didáticos podem ser utilizados na educação de surdos, mas falta material para ensinar ao aluno surdo. Quadros e Schmiedt (2006, p. 117) apresentam: “Lembre-se: Estimular o gosto pela leitura é fundamental para que a criança surda se interesse e se desenvolva melhor no conhecimento e no uso da Língua Portuguesa”. Autores realizaram pesquisa preocupados com o ensino de língua portuguesa para surdos, e que o ensino das duas línguas é possível e não atrapalha a aprendizagem, mas ainda falta de informação sobre metodologias específicas para professores.

O professor teria elementos suficientes para compreender que, em uma abordagem educacional bilíngue, na qual a língua de sinais se coloca como primeira língua para os surdos, o ensino e a aprendizagem do português escrito como segunda requerem práticas diferenciadas (Fernandes, 2012, p.111).

Outro exemplo é o ensino de uma terceira língua como o inglês, a dificuldade de aprender o inglês, aluno surdo também tem interesse em aprender da língua estrangeira (inglês) ou conhecer outras línguas, mas elas jamais substituir a Libras, essa modalidade necessária respeito como língua.

Nascimento (2020, p.21.) argumenta: um aluno surdo que tem dificuldades de compreensão não apenas da língua estrangeira (inglês), mas também da segunda (português), o que faz com que experiência de ensino-aprendizagem seja ainda mais desafiadora.

Para o surdo incluso em salas regulares, tem contato com três línguas obrigatórias, se há disciplina de língua inglesa ou não, pois mostra tem dificuldade para surdos.

Nesse cenário, um desses aspectos distintivos no ensino de inglês para surdos diz respeito ao ambiente plurilíngue da sala de aula, onde entra em cena a presença da Libras (L1), da Língua Portuguesa (L2) e da Língua inglesa (L3)”. (MACHADO; COSTA; DANTAS 2020, p. 32).

As formações de professores devem compartilhar conhecimento na educação inclusiva, precisa ter tema educação de surdos e português como segunda língua, é

importante a informação para o professor. Muitos confundem, pensam que só precisa aprender básico de Libras para se comunicar, não é somente aprender os sinais, achar bonito a língua de sinais, para comunicar com os estudantes surdos, é necessário atitude.

A valorização dos professores depende, também, da luta pelo direito de conhecer profundamente: o que fazemos. Porque fazemos. Para que fazemos. O que queremos e por que queremos. O que não queremos e porque não queremos. Saber o que não queremos é tão importante quanto saber o que queremos” (PADILHA, 2014, p114).

Autora mostra que a valorização para os professores também passa pela oferta de formação, alguns que assumem a difícil tarefa de ensinar os estudantes com deficiência na sala de aula. Grande importante organização desenvolver metodologia diferente dos ouvintes e surdos a escolha dos livros, textos, desenvolvimento das atividades de sala de aula e avaliação todas as atividades desenvolvidas com os estudantes precisa as diferenças linguísticas entre Libras e português por exemplo proposta de trabalho e criar propostas de organização, pode fazer as oficinas estimulando os estudantes, não confundido, fazer as atividades adaptadas junto com o professor de AEE, porque docentes não conhece um planejamento e pratica da pesquisa mais aprofundada.

Lodi e Lacerda (2014, p.145) através de pesquisas sobre o ensino de português nos revela que:

É importante destacar que tornar-se leitor e escritor, para algumas crianças, teve sua origem em experiências desenvolvidas por meio de atividades de leitura e de escrita realizadas em sala de aula e de contar histórias em Libras, foco das “oficinas de Libras” realizadas... O objetivo destas atividades foi inserir as crianças surdas em práticas de letramento, fundamentais para sua posterior aprendizagem da língua portuguesa.

A pesquisa e experiência das autoras supracitadas é relevante, traz aspectos que podem contribuir para as escolas que trabalham com surdos em escolas inclusivas. Realmente a escola tem deixados os surdos constrangidos para aprender o português, o ensino da escrita nas salas de aulas por desconhecer uma escrita como segunda língua de português, falta de estratégias diferentes no uso recursos visuais e os professores podem participar na formação sobre educação de surdos, sobre sua língua e assim melhorar nas metodologias.

Concluo então enfatizando que as escolas precisam aceitar mais a Libras, substituir a forma que exige de registro no primeiro momento, dar autonomia linguística, de escrever um texto, uma redação em Libras para só depois transcrever com ajuda do intérprete para o português, se nós buscamos ajuda de tradução para realizarmos outras atividades, por quais motivos não podemos aceitar que o profissional que está ali para dar esse apoio linguístico ao surdo possa usar dessa metodologia. As aulas de português, os gêneros textuais, as questões gramaticais devem ser pensadas para que haja uma aprendizagem para o surdo enquanto usuário de segunda língua. Assim como eu, os surdos podem e devem legitimar nas avaliações e lutar por isso nos espaços da sala de aula de fazer seus registros sinalizados, e que faça o registro escrito, mas que a língua portuguesa passe a ter o sentido de aprendizagem na vida do surdo como as demais línguas estrangeiras tem na vida dos ouvintes, não lutei por isso na educação que tive no ensino fundamental e médio por falta de conhecimento, só conhecia o que o sistema majoritário oferecia, e pensava ser isso o ideal, hoje após estudar, pesquisar e buscar dialogar sobre, percebo que não posso deixar os surdos continuar pensando assim.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre esse tema é muito desafiante na educação dos surdos como segunda língua portuguesa, não é um tema fácil. Como pessoa surda ainda encontro dificuldades na escrita, carrego lacunas de uma educação que tive com falta de metodologias específicas para aprender português como segunda língua. Realizei a leitura de vários livros e artigos de autores, principalmente como L2 para os surdos, os autores me ajudando tanto no assunto aqui desenvolvido com suas línguas próprias e a minha experiência surda dentro na escola, não é culpa dos professores falta de informação português do conhecimento de Libras, mas os professores podem cobrar mais das redes de ensino formação. Os surdos tem identidade linguística, é direito nossa política linguística para os surdos.

Através das leituras e análises os resultados que formam encontrados contribuem para que possamos refletir, dialogar e pensar uma educação que tenha condições de ofertar o ensino de português como segunda língua para os surdos. Encontramos três metodologias que marcaram a educação dos surdos, o método oral, método da combinação total e bilinguismo. As questões que dialogam com o ensino de português com metodologias específicas na educação de surdos é principalmente a construção identitária de um povo surdo resistente e que luta pela valorização da sua língua natural a Libras.

A escolha da minha pesquisa se torna relevante no contexto da educação de surdos, por termos atualmente a Lei 14.191/2021 que defende a educação bilíngue, uma proposta de educação que visa ter o ensino de português com metodologias específicas e o professor seja bilíngue, assim o mesmo poderá pensar em propostas de trabalho no ensino da língua portuguesa considerando os surdos como de fato devem serem considerados no ensino de português, usuários de segunda língua. Formada em pedagogia com experiência visual, professora de Libras e como pessoa surda, buscando trazer mais conhecimento sobre a comunidade surda, cultura surda, língua de sinais e linguística escolhi o tema que mais me desafia na sociedade, e foi durante toda a minha trajetória acadêmica. A língua ela tem uma representatividade identitária do falante, a Libras demarca a história de surdos e as políticas tem valorizado a representatividade desse povo surdo.

Neste trabalho se defende políticas públicas no ensino de línguas que considere as especificidades, no caso dos surdos a Libras como primeira língua e o

português como segunda. Bem sei enquanto surda a importância do referencial linguístico surdo, do ensino ministrado em Libras e também coaduno dessa educação com os demais surdos que igual a mim pesquisam e fazem educação. Mas ainda me preocupa e angustia a realidade e não podemos deixar de lado, que o Brasil ainda vive a inclusão, é em escolas inclusivas que está a maioria dos surdos Brasileiros e essa realidade não mudará apenas com as leis, nem tão rápido como nós surdos gostaríamos. Precisamos reivindicar formações para a realidade atual e urgentemente, precisamos exigir que tenha professores para ensinar português como L2 nas escolas inclusivas.

Quando houver formações sobre educação de surdos é importante que os professores participem para desenvolver melhor a inclusão e assim a atuação pedagógica no ensino e aprendizagem de línguas e metodologias, observando os surdos, sua língua própria, costume, objetivo e sua história. Os professores tem que incentivar através de diferentes materiais para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos utilizando a Libras como uma língua natural.

Concluo então enfatizando que este trabalho é relevante e pertinente para que as escolas, professores e todas as redes de ensino, municipal, estadual e federal possam refletir urgentemente sobre as condições atualmente ofertada do ensino de português aos surdos Brasileiros, que este trabalho possa direcionar ações formativas de escuta e de planejamento de ações. Minha contribuição enquanto pessoa surda na sociedade com este trabalho é levar aos locais de formações o diálogo sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2002). **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.
- BRASIL. (2002). **Decreto-Lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União 2005; 23 dez.
- BRASIL. (2021). **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de agosto de 2021.
- DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília, 2007.
- FERNANDES, S. **Introdução: conhecendo a surdez**. Curitiba: SEDUC/DEE. 2006. p. 69-86.
- FERNANDES, S. Quanto ao aprendizado da modalidade escrita do português como segunda língua. In: **Educação de surdos**. Curitiba: Mediação, 2012.
- GIORDANI, L. F. Encontros e desencontros da língua escrita na educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- JUSTINO, S. M. B. **O ensino de libras na sala do AEE**. Patos: Mediação, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/1373> visitado em: agosto de 2022.
- LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo. E agora?**: Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFScar, 2013. 254 p.
- LODI, C. B.; LACERDA, C. B. F. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: **Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre, mediação, 2014.
- MACHADO, C. D.; SILVA, A. G.; ROSYCLÉA, D. S. Reflexões sobre o ensino de língua inglesa para estudantes surdos. In: **Ensino de línguas inclusão social: experiências e reflexões**: João Pessoa, mediação, 2020.
- MARTINS, M. A. L. **Relação professor surdo / estudantes surdos em sala de aula: análise**, 2010.

NASCIMENTO, K. B. P. Em busca de praticas pedagógicas inclusivas com um aluno surdo: relato de uma primeira experiência. In: **Ensino de línguas inclusão social: experiências e reflexões**: João Pessoa, mediação, 2020.

PADILHA, A. L. Desafio para a formação de professores: estudantes surdos e ouvintes na mesma sala de aula? In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

PACHECO, A.; CAMPOS, S. R. L. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

QUADROS, R. M. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. 2000. Disponível em: < <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=47>>. Acesso em: 13. ago. 2022.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. A libras e a sua importância no processo de alfabetização em língua portuguesa. In: **Idéias para ensinar português para alunos surdo**. Brasília: Mediação, 2006.

RANGEL, G. M. M.; STUMPF, M. R. **A pedagogia da diferença para o surdo**. Brasília: Mediação, 2006.

ROCHA, S. **O INES e a Educação de surdos no Brasil**. Vol. 01, 2ª edição (Dez/2008) – Rio de Janeiro: INES/2008.

ROMÁRIO, L; DORZIAT, A. Considerações sobre a pedagogia visual e sua importância para a educação de pessoas surdas. **Revista Cocar (online)**, Belém, v. 10, n. 20, p. 52-72, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/963>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SANTOS, C. A. R; SOUZA, R. M; ENES, E. N. S. Práticas de escolarização do aluno com surdez. In: UNIVALE, 2016. Vila Bretas. **Anais [...]Vila Bretas**: UNIVALE, 2016. P 1-22.

SILVA, S. G. L. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: das políticas as práticas pedagógicas**. Florianópolis, 2008. Fonte: [SÉRIE HISTÓRICA - Volume 02.pdf](#), 2011.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. 2. Ed. – Campinas, SP: Autores associados, 2005.